

son Directeur J. Barbosa Rodrigues. vol. IV.—Euclides da Cunha, Peru', versos, Bolivia.—As festas Cardinalicias.—C. de Abreu, capitulos de historia Colonial, 1500—1800.—Cinco vols. da terceira reunião do Congresso Scientifico Latino-Americano, 1905.

Petropolis—Pelo Sr. Dr. M. Arrojado R. Lisboa, cinco fasciculos, Report on the manganese ore deposit of Morro da Mina, Lafayette, Quelus Minas Geraes; O Palladio e a platina no Brasil; Occorrencias de seixos facetados no planalto central brasileiro; Occorrencias e evolução das theorias relativas a genesis dos seixos facetados e the Occurrence of faceted pebbles on the Central plateau of Brasil.

São Paulo—Revista do Instituto Hist. e Geographico, vol. X de 1905 e vol. XI de 1906.—Estudos contemporaneos pelo Dr. João Coelho Gomes Ribeiro.—Relatorio da Commissão Geographica e Geologica do Estado; exploração dos rios Feio e Aguapehy, (Extremo sertão do Estado) 1905.—Serviço Meteorologico, Boletim n. 20.—Apontamentos genealogicos sobre a familia Noronha, ramo de Ouro Preto, por Emilio Mario Arantes.—Revista do centro de Sciencias, letras e Arte de Campinas, anno VI fasc. 1.—Revista de Santa Cruz, n. 10, Julho de 1907.—Commissão geographica e geologica, exploração do Rio Paraná, 1896.—Petição à Camara Federal para uma estrada de Ferro de Porto Alegre a S. Paulo.—Catalogos da Fauna Brasileira, editados pelo Museu Paulista vol. 1., as aves do Brasil pelo prof. Dr. Hermann von Ihering.—Notas preliminares editadas pela redacção da Revista do Museu Paulista, vol. 1. fasc. 1.

Bahia—Revista do Instituto Geographico e Historico.—Boletim da Directoria de Agricultura, Viação e Obras Publicas vol. VI de Julho de 1907.—Idem, vol. IX.

Pará—Dois volumes dos Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico e dois volumes contendo a vida e governo do Exmo. Sr. Dr. Augusto Montenegro, por Ernesto Mattoso.—Album da festa das Creanças, 1905.

Natal—Revista do Inst. Hist. e Geographico do Rio Grande do Norte vol. V n. 2, Julho de 1907.

Maceió—Revista Agricola de Alagoas, anno VI n. 3 e n. 4.

Pariz—A Roleta ou Favos de mel, por Custodio Rodrigues, (Pequeno folheto).

## INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE MINAS GERAES

Revestiu-se do maior brillantismo a sessão de installação do Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes, realizado hontem no salão da Camara dos Deputados.

A essa festa compareceu o escol da nossa sociedade, representado pelo que ha de mais distincto e illustre nos diversos departamentos de actividade.

A's 4 horas da tarde foi aberta a sessão sob a presidencia do exmo. sr. dr. João Pinheiro, que tinha como secretarios os srs. dr. Max Fleiuss, do Instituto Historico Brasileiro, e dr. Juscelino Barbosa.

Pelo 2.º secretario foi lida a acta da sessão anterior e o expediente constante de varios telegrammas e cartas congratulatorias.

Foi depois dada a palavra ao orador do Instituto, sr. dr. Diogo de Vasconcellos, o festejado jornalista e historiador tão amplamente conhecido no paiz pelos seus admiraveis trabalhos.

Eis o discurso do illustre auctor da *Historia das Minas Geraes*:

«Bem podeis comprehender a immensa surpresa, que de mim se apoderou, quando tive a noticia da eleição para este cargo, tão honroso, quão superior ás minhas forças.

Vi neste acto de vossa generosidade, o proposito sómente de favorecerdes a posição do mais velho, mas nem por isso menos louvavel tanta condescendencia foi para lisongear o mais obscuro de vossos consocios. Assim sendo, e por eu crer, que protestastes supprir de vossa opulencia o muito que me falta para satisfazer os deveres do posto, não cedi a tentação de excusar-me, como bem a consciencia e naturalmente me suggeria. Além de tudo, senhores, a saude, como bem podeis observar, nega-me o seu auxilio; pelo que si aqui me apresento, digo sinceramente, venho flado só em vossa benignidade. Ancioso tambem por ligar meu nome ao vosso na faustosa celebração deste dia, e de arrecadar a minha parte na gloria desta fundação auspiciosa, não me deveis levar a mal a legitima e razoavel inveja, que me traz para vossa companhia.

Uma cousa, porem, desde já faço certo é que não venho fazer um discurso, e sim preencher tão somente a formalidade, que é de costume, e os estatutos me prescrevem.

Consagrado á historia de Minas este Instituto, palpitante aspiração do tempo, vem completar entre nós o aparelho de que já se ufana a actividade intellectual do presente. O povo mineiro, que por sua historia peculiar caracteriza-se desde seu advento, ha dois seculos, diferenciando-se do seu destino, e formando já a maior casa de toda a America, sentia a falta de se lhe erigir a officina central do pensamento, na qual se cuidam com esmero de fortificar a

sua homogeneidade, e de unificar os seus elementos ethnicos tradicionais. A bem de se apoderarem das riquezas do solo, nossos avós, descortinaram, como sabeis, o sertão bravo, e aqui, longe felizmente das fluctuações internacionaes, assentaram, nestas Asturias do continente, o exordio do nosso Estado. Alheia a migrações estranhas, e reconcentrada em seus arraiaes primitivos, a colonia produziu este povo unido e egualitario, e constituiu a familia mais congraçada e harmoniosa, que se viu nascer ainda nos accessos da expansão europeã. Condensar essas qualidades ingenuas, aperfeiçoar a mentalidade, que nos foi transmittida, pelas circumstancias especiosas de nossa origem, será, creio eu, o melhor e mais constante objecto de nossos estudos o escôpo essencial deste Instituto, erecto em honra da historia para pharol inequivoco de nossos progressos.

Não pertenço, senhores, ao convenio daquelles, que até em documentos officiaes e programmas de ensino renegam a utilidade descriptiva da historia; porque tambem não concorro para a doutrina dos que apagam de nossas crenças o ideal procurado pelos povos, em sua marcha ascendente através dos seculos.

A propria divisão do mundo actual nos demonstra como a civilização preferiu as raças, que tiveram historia, deixando abatidas nos estadios mais rudes aquellas, que não a crearam.

E', senhores, que os annaes, as memorias, as biographias dos homens illustres, encerram em synthese, alguma coisa mais preciosa que a narração inerte e fria dos tempos e dos acontecimentos.

Como dos sepulchros silenciosos e tristes, e da terra pavida e aparentemente estéril das necropoles, enseiva-se a identidade de nossa mente, e avigoram-se nossas idéas e virtudes pela memoria feliz de nossos antepassados, a ponto que se diga e com razão, que os mortos governam os vivos, assim tambem, senhores, é dos archivos empoeirados, dos monumentos carcomidos e actas do passado, que se irradia a continuidade animica de nossa existencia collectiva, illuminada pelos votos e testemunhos tantas vezes dolorosos da velha experiencia.

Não houvesse historiadores, quem hoje tiraria do limbo dos tempos a lição inesgotavel, que se colhe, de Salamina e de Platôa; ou do estupendo sacrificio das Termopilas! Não é porventura d'ahi que nos vem a certeza do que vale um punhado de patriotas contra milhares de mercenarios e servos! E não é tambem dessas tragedias heroicas que aprendemos a preferir a liberdade com todos os seus defeitos ao despotismo com toda a sua perfeição!

Tito Livio, senhores, justifica-nos a grandeza, e Tacito a decadencia dos Romanos;

E sem Tito Livio e sem Tacito não teriamos o livro incomparavel de Montesquieu, esse mais que substancioso compedio que ainda possa instruir aquelles, que tiveram e têm a gloria de governar Estados. Entretanto, senhores, si tal é a utilidade dos historiadores de paizes exclusivistas, que limitados aos factos internos não escreviam para estrangeiros, por elles desprezados, facil é dizer quanto importa conhecer-se a vida das nações mais proximas e mais relacionadas, cuja politica modela-se pelos reflexos e pelo equilibrio internacional, e cuja existencia depende irremissivelmente da communição de interesses economicos e da troca de idéas e productos.

Mas, o principal serviço instructivo da historia não está certamente na relação dos factos e na pintura dos caracteres. Esta parte, que lhe é todavia essencial e lhe faz a sua razão de ser, não é comtudo o seu melhor tributo.

Essa parte é a sua parte morta, ao passo que ella tem uma parte viva, e que sobrepõe-se em valor a todas as sciencias humanas, eis que tambem é a mais humana das sciencias. Com a condição inilludivel de ser fiel, verdadeira e severa, de não amar nem odiar sejam reis, sejam povos, a historia de seu inventario mudo com a eloquencia e simplicidade dos resultados nos fala de uma força maravilhosa, a que temos de obedecer: força que nelles se envolve e que sabe delles, quando urge tirar o bem do proprio mal, para achar a unidade espontanea e final dos mais variados acontecimentos; e para em cada dia mais purificar deante de nossas vistas a mira a que os homens inconscientemente se dirigem, através a nuvem tormentosa dos seculos.

A civilização, como sabemos, não descreve circulos perfectos nem caminha por linhas rectas. Como a nau sobre o movediço das ondas, afasta-se muitas vezes do rumo, batida pelos temporaes, e lucha para salvar-se; mas afinal voltam-se-lhe os ventos favoraveis e ella ganha de novo o caminho e chega ao porto desejado. E', senhores, que com a humanidade se realiza o symbolo da barca agitada no mar de Tiberiades. Um ser incomprehensivel a conduz e dorme dentro della, para despertar a tempo e reagir no desanimo geral, fortificando a nossa fé, serenando as borrascas e mostrando em fim de contas o caminho andado na traça dos almeçados destinos. A esse caminho chamamos nós o progresso e a esse poder, que está acima da previsão e vontade dos homens, chamamos Providencia, e nem outro nome lhe pode convir, em que pese aos incredulos.

Debtem neste ponto os sabios querendo explicar pela simples razão os phenomenos que acima della intervem sem se sentir, mas que nos põem a olhos vistos os efeitos de sua influencia.

O phenomeno do progresso, que zomba da divindade e das contradicções humanas, e' com effeito o mais palpitante e visivel signal da Providencia ao longo de todas as eras. Herder, celebrado na Allemanha por fundador da philosophia da historia; e a cuja obra Cousin consagra o titulo merecido do primeiro monumento levantado á idéa do progresso, proclamando a analogia da historia humana com a historia natural, dois mundos concebeu—o da materia e o do espirito; e como o do espirito está intimamente ligado ás circumstancias e accidentes physicos, o desvario do sabio consiste em suffragar o triumpho inevitavel da natureza objectiva sobre os impulsos da actividade humana. Por esta doutrina, senhores, o homem, rei da criação, se tornará escravo della.

Será o instrumento a vegetar no meio em que vive e mo:re como as plantas.

Desta doutrina, allis consoante a realidade apparente das cousas, exalta-se o fatalismo; e este principio cego, portanto falso, na ordem moral tão verdadeira e real como a ordem physica, refutando-se por si mesmo, encerra a condemnação, que merecem quaesquer outras doutrinas delle derivadas, e que de modo menos justificado se arvoram sobre elementos parcaes e isolados de um só desvario.

Mais toleravel Voltaire attribue ao acaso a origem dos acontecimentos; e Frederico II, confirmando essa doutrina de seu predilecto philosopho, trata de *Majestade* a incognita soberana a cujo golpe a historia se move assaltada por pequenos accidentes, pelos quaes se mudam completamente o rumo e o plano projectado das cousas. Entretanto si a olhos nus podemos, desde já, repellir semelhantes conceitos, que promulgam do que não existe, uma força, que obriga á vida e o movimento social humano, creio, senhores, estareis do

accordo commigo em não admitir o fatalismo, qualquer que seja o prestigio de suas hypotheses, desde que nenhuma dellas reconheço o poder innegavel, immanente e provado nos factos da consciencia; poder que parte da nossa liberdade.

O illustre Renan por sua vez adoptou a qualidade das raças, como razão sufficiente das fórmas graduas a que abordam os povos na espiral da civilização; Montesquieu a seu turno propoz os climas, como elementos determinantes das varias formas de governo, attendendo as consequentes modalidades de costumes e as classificações sociaes.

Entretanto, o mundo actual, senhores, contrapõe-se a tão incompletas conjecturas,

Si o homem, porquanto é o mesmo em toda a parte, si o instinto da perfectibilidade é geral, e provido pela commun natureza, mistér ser reconhecido, como outros elementos reunidos, que não a raça somente, concorreram para o adeantamento da ramificação que se glorifica em particular dos títulos da civilização europe'a, tanto mais quanto é certo, que essa civilização não é mais que o desenvolvimento do hellenismo regenerado pelo broto semítico do christianismo; e bem sabemos, tambem que os Gregos, mandaram ás Metropoles heterogeneas mestres em busca da sciencia e das artes, que nellas já eram nascidas.

Si, pois, raças anteriores civilizaram-se pelo modo assombroso, que hoje se verifica, e si dellas partiu o movimento do progresso, o facto mesmo de estacarem paradas no caminho, ou de voltarem á barbaria, como aconteceu aos povos, que não foram absorvidos, é um augmento digno de vos dirigir em busca de outros factores, lá infelizmente interrompidos; e que, no entanto, insistiram mais longe na expansão do mundo moderno. O que se offerece, senhores, sobre a hypothese das raças, refere-se com rigor ainda mais logico á declinatoria dos climas.

O incomparavel auctor do Espirito das Leis não se lembrou que debaixo do mesmo ceu se achava Thebas a poucas milhas de Athenas, não se lembrou que os persas confinavam com as mais brillantes cidades da Jonia, e nem ainda que os vandalos gerados nos mesmos ares, que os godos abraçaram no chão da Numidia e o professavam, o despotismo musulmano! Vivesse Montesquieu e veria, repito, no sul da Africa ou nas ilhas ardentes da Oceania, os Anglos e Saxões tão liberaes e zelosos como nos climas da Germania e da Scandinavia; sem falarmos dos paizes tropicaes da America, onde a liberdade se expande mais a vontade que nas terras dos seus povoadores.

E, senhores, e bem alto se diga, que doutrina alguma chegará a ser perfiçada pelo nosso bom senso, desde que decreta povos para a civilização e povos para a barbaria; raças para a liberdade e raças para a perpetua escravidão.

Assim sendo, preferivel, senhores, é se adorar a Sua Magestade o Acaso, antes que se professar o fatalismo da Força, doutrina de Thiers. Os historiallores da Revolução por ella aturdidos tomaram sempre o partido do vencedor contra os vencidos, a Constituinte contra a Realeza, a Republica contra os constituintes, o terror contra os Girondinos, o Directorio contra os realistas, e afinal Bonaparte contra o Directorio. Ha porém, cousa mais degradante e contraria á razão que esse fatalismo da força? Elle aparta da historia o sentimento do direito e immola cegamente a liberdade. Não! Não pôde haver progresso na doutrina pela qual se justifica a cecia de Socrates e a cruz de

Jesus Christo! Nunca foi nem sera philosophia racional sacrificar-se o fraco por ser fraco, e coroar-se o forte por ser forte!

Mencs irritante a doutrina de Kegel nos ensina que a historia é a justificação divina, mostrando-nos como Deus se manifesta na vida collectiva dos homens.

Nada se faz sem elle, diz o philosopho; porque tudo é obra sua. Entretanto, onde está ainda nesta hypothese o papel da liberdade? Eguando na balança as origens do bem e do mal, esta doutrina responsabiliza Deus pelos feitos de Nero, como pelos de S. Paulo, nivela em meritos victimas e algozes, e apaga a distincção do vicio e da virtude; ora, tanto basta para sahir de nossa consciencia, por si mesma rejeitada uma tal concepção.

Espirito genial, mas puramente scientifico, preocupado exclusivamente de factos e algarismos, alma todavia leal, e honesta, no dizer de Guisot, Augusto Comte a seu turno se fez innovador e dogmaturgo. Sem se falar de seu systema atheista, que se desenvolve de illusões e chimeras para uma nova idolatria humanitaria, graças ao desvario de sua innegavel philantropia, o Mestre se apresentou fazendo descobertas, e propondo a historia uma nova philosophia.

Mas, senhores, a maior descoberta de Comte resulta da semelhança com as tres edades de Vico, e a sua critica historica iniciada desde os tempos de Santo Agostinho, coordenada por Volney, não excede em merito á *Sciencia Nova* daquelle mesmo insigne Napolitano.

O successo do grande innovador se fez notavel pelo emprego exclusivo do methodo experimental, pelas tendencias materialistas do mundo vigente, o mais ainda pelo scepticismo metaphisico de Kant, em meio das classes mathematicas e especulativas, que preferem sobre tudo os methodos *a priori*.

Proclamando o progresso, por fim, suppre o idéal humano e para tanto invoca a historia que trunca e desencadeia a proposito e á medida de conclusões antecipadas. Comte não pôde allegar ter feito uma philosophia para a sua historia, mas uma historia para a sua philosophia.

Tomando de Bukle o modo de observar os factos, de que se deduzem logicamente as consequencias, concebeu igualmente a idéi de leis geraes segundo a historia, á semelhança das leis fataes que regem os astros e produzem os phenomenos.

No positivismo cahimos portanto sob o guante da mesma fatalidade; e tanto basta para ser falso em tudo que respeita ao mundo moral.

Nestas condições, rejeitando-se todas as doutrinas, inclusivé a de Bossuet, que prôza um fatalismo da Providencia tão equal como o dr. Hegel, confundindo-se a-bus não tanto na forma, sinão em fundo com as noções pantheisticas da velha escola Alexandrina, o remedio parece-me deparado no uso da hermeneutica do christianismo, buscando-se com ella a solução desejada.

Conhecemos, senhores, com effeito, as tres verdades fundamentaes que se inserveram no portico da historia e se collocaram na base do edificio social, a verdade religiosa, a verdade philosophica e a verdade politica.

Confundidas nas sociedades imperfeitas, nas quaes a religiosa, tudo absorvia, dando a bi, facil é ver, que as outras verdades, tendo cada uma a sua competencia procuraram romper as cadeias em sua natural expansão.

As tres verdades começaram então cedo este combate, que dura e durará sempre; mas não poderam nem poderão se destruir jamais. A verdade philosophica, que a triplíce sciencia das cousas intellectuaes, moraes e naturaes, amando sobre tudo o porvir, ataca a verdade religiosa, que é conhecimento

de Deus, manifestado no culto, e que ama necessariamente o passado, visando ambas tornar em exclusiva e para si a verdade politica.

E' dahi, senhores, que me parece rolar a immensa serie de factos, que a historia registra.

A verdade politica é a ordem; e a ordem não é sinão a liberdade do direito natural do povo associado á soberania exercida pelo poder publico: o que basta dizer, para se comprehenderem as tremendas perturbações do mundo, quando a soberania, sacrificando a liberdade, excede a sua competencia e entrega-se de corpo e alma, como instrumento de acção expelliativa, aqui a uma, alli á outra daquella duas rivales, que intentam o imperio dos espiritos.

A maneira apaixonada então de se encarar na historia o phenomeno do progresso dá em resultado da lucta os desvarios, que no desespero proclamam a fatalidade das cousas.

O christianismo, porém, separando aquellas tres verdades e contendo-as cada uma em sua esphera e competencia, restabelece a paz e salva a liberdade sem prejuizo da providencia.

Proclamando-se cabeça e chefe da humanidade, o Christo vive necessariamente na historia, e dentro della. Fixando o nosso ideal na perfeição divina, abriu o caminho infinito á liberdade de nossa alma e illuminará toda a vida o campo da civilisação, combinando o esforço das tres verdades fundamentaes, de que elle é o verbo.

Doutrinas que negam o livre arbitrio, doutrinas que negam o instincto da perfectibilidade, tão falsas como a negação da providencia, podem tudo conseguir, menos senhores, a verdadeira philosophia da historia, banhada pela luz da experiencia.

Pesquisar, portanto, nas paginas descriptivas do passado as syntheses, que a Providencia extrahiu dos acontecimentos, distinguir e conhecer a lição que essas syntheses encerrão e auctorizam, proclamar o triumpho infallivel da virtude sobre o vicio, do direito sobre a tyrannia, eis, senhores, portanto, a critica em sua elevada missão creadora.

E' por isso que a historia não pôde deixar de ser severa, leal e verdadeira. De todas as provincias do saber e' a que está em terreno contestado, no dizer Macaulay; e' a que e' disputada pelos partidos, e sempre no perigo de ser investida pela imaginação apaixonada.

Ao historiador, portanto, decorre o dever de assumir a tarefa, de todas a mais difficil, no campeonato das letras. Não devemos nos esquecer que o sol da historia, como o sol planetario, si tem uma zona privilegiada de civilisação, por onde gira o seu calor e a sua luz se derrama, illuminando e aquecendo todos os povos segundo a distancia em que se acham. A critica, tem de ser por isso mesmo imparcial e justa, não sómente com os tempos, sinão ainda mais com os homens. Si os povos devem ser julgados no paiz em que habitam nossos paes, como elles não podem ser accusados ou defendidos sinão pelas leis do seculo, em que viveram; nem ser condemnados por idéas, que não tiveram, submettidos como eram ao meio em que se nivelavam com todos os seus contemporaneos.

A liberdade antiga, por exemplo, foi como religião: seus adeptos como fanaticos! Bruto immola-lhe os filhos e Codrus a sua vida e o seu trono. Hoje, porém, não é mais uma fé. A liberdade uma razão que já não tem altares nem sacrificios: porque não e' mais nem rude nem intollerante: ella vale um direito que a todos, governantes e governados convem; porque

regula o poder soberano para se impôr pela estima; e porque os governados não tem mais necessidade de se precipitar nos azares da revolução para possuir o que já tem.

O povo mineiro, á luz destes principios, tem de considerar antes de tudo a sua origem privilegiada. Como as colonias gregas, que eram enxames completos, que transportavam adultos e munidos para longes plagas o teor da metropole, assim Minas emergiu, graças ao brado fascinador de seus thesouros, expostos á rampa dos descobrimentos.

Descendente do generoso sangue paulista, conagrado com o da mais heroica e laboriosa de todas as Mães-Patrias, conservou e conserva na lingua da mais bella epopéa moderna, nos habitos inalteraveis da economia, do trabalho e da honra, tão bem como na fé catholica, a cujos surtos se deve o descortino dos continentes e dos mares, as condições seguras, os elementos conservadores e as energias politicas de sua perfectibilidade no caminho incessante aberto a vida das gerações, que vão nos succeder.

Em um só seculo, o primeiro de sua existencia, centenas de seus filhos já se espalhavam pelo imperio portuguez, servindo ao Estado e á Igreja; e não será de mais lembrarmos que em Villa Rica uma pleiade de inolvidaveis litteratos, no fim desse 1.º seculo, renovou no Brasil os formosos tempos da Arcadia, ponto aquelle unico em que as Musas desceram neste cêo pelo mesmo caminho de flores em que desciam do Parnaso.

Não se lê, senhores, sem emoção a mais viva, os episodios heroicos de Pernambuco, rechassando as invasões estrangeiras; mas a Minas cabe a gloria, acaso maior, sinão equal, das expedições, que nunca se viram tão disciplinadas e decididas á morte para salvarem o sul do continente. A marcha de Antonio de Albuquerque sobre o Rio de Janeiro, em repulsa aos corsarios Dugain-Trouin, o maior homem de mar, daquella época, é façanha que escurece os cantos mais bellos da Jerusalem libertada.

A maneira tambem como se dissolveu tragicamente essa Arcadia, substituida pelo terrivel episodio da Inconfidencia, tem alguma cousa surpreendente como da aurora abafada por um desalentador eclipse. As montanhas sagradas de Villa Rica disputam com effeito até hoje ás da Palestina em suas maguas a figura dolente a filha de Jephthé, percorrendo-as no sacrificio expiatorio votado á liberdade de sua patria.

Assim, possa, portanto, o povo mineiro comprehender os votos deste dia auspicioso, e assim veja elle, neste Instituto, o centro intellectual, que se destina pelas lições de sua historia a fortificar na consciencia de seus direitos para manter na integra o territorio sagrado, herança de nossos paes, resgatar da selvageria as florestas, os campos e os rios, que ainda esperam o facho luminoso, e revestir de messes doiradas as montanhas e valles em que nasceram os primogenitos de sua raça, sem fardamos da noticia prophetica de tantos destinos guardada nestes archivos.

Guiado pelas experiencias e pelas luzes do glorioso e velho Instituto Historico e Geographico do Brasil, tão feliz e dignamente aqui representado, o Instituto Mineiro se lançará, confiando no futuro, ao cumprimento de seu programma; e, desde já se empenha com os illustres e conspicuos representantes daquelle venerando confrade, não lhe falem com os seus conselhos e supprimentos em troca da saudação affectuosa, que lhes dirijo em nome dos mineiros agradecidos e orgulhosos de sua presença nesta assembléa cheia de novos intellectuaes.

Organizado por um núcleo de benemeritos socios do «Club Floriano Peixoto», desta Capital, o Instituto lhes deve a gratidão, de que me faço órgão, offerecendo-lhes a recompensa unica e a nosso alcance, qual inscrever seus nomes no frontespicio de nossa historia e recommendal-os á nossa posteridade, Augusto de Lima, Prado Lopes, Francisco Alves Filho, João Luiz Alves, Francisco Bressane, João Libano, Albino Alves, Julio Pinto, Estevão Pinto.

Dentro os entusiastas, que logo se pozeram a frente desso committimento, omissão imperdoavel, senhores, seria a minha, si não destacasse a proposito o nome por tantos titulos querido ao povo mineiro, do cidadão preclaro, que nos preside, o sr. dr. João Pinheiro da Silva. Todo o Brasil hoje sabe e reconhece a razão, porque Minas sobre a sua nobre figura fitava os olhos anciosos, requerendo no cimo de seu capitolio a sua intervenção intelligente e benefica.

Dedicado aos estudos predilectos deste Instituto, s. exc. logo lhe rasgou a mais franca sympathia, e não se demorou com a sua penetração a comprehender, que na obra trabalhosa de seu governo, reformador inegalavel da Instrução Publica, nenhum capital mais bello poderia ser engastado que este, de onde partirá o exemplo que nos tem dado de amor e da dedicação ás sciencias e ás lettras.

Eu quizera, senhores, ter tempo de prestar as minhas devidas homenagens a cada um de vós, individualmente, illustres senadores, deputados, juriconsultos, medicos, artistas, funcionarios, industriaes, a vos principalmente illustres e bemvindos hospedes; mas, nesta saudação, recebei, como se arrebatam de minha alma, os votos de nossa gratidão.

E a vós, mocidade estudiosa, esperanças da patria, dirijo-me saudando em ultimo lugar; mas ultimo no sentido do Evangelho.

Sim! por que sois os primeiros que ides gozar os fructos de nossos trabalhos, assim como primeiros serais, eu espero, a honrar a nossa memoria, como honramos e temos honrado a de nossos antepassados.

Seguiu-se com a palavra o sr. dr. Max-Fleius, que em nome do Instituto Historico do Rio pronunciou o seguinte applaudido discurso:

«Srs.— Venho apenas trazer as felicitações do Instituto Historico e Geographico Brasileiro ao Instituto Historico de Minas: sou portador de votos que profundamente correspondem aos nossos mais caros desejos e aos dos benemeritos patriotas que em 1838 lançaram as bases da primeira sociedade dessa natureza em todo o continente americano.

De facto, logo no esboço do regulamento apresentado na sessão da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, a 18 de agosto de 1833, quando o marechal Raymundo José da Cunha Mattos e o conego Januario da Cunha Barbosa propuzeram a criação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, lê-se no art. 9.º que um dos deveres da nascente associação seria «procurar ramificar-se nas provincias do Imperio para melhor colligir os documentos necessarios á historia e á geographia do Imperio do Brasil».

Vendo, pois, surgir, e sob tão brilhantes augurios, um gremio do mesmo genero, nós, do Velho Instituto Historico e Geographico Brasileiro, sentimo-nos possuidos de justo orgulho, pois que o facto exprime mais uma victoria da idea que animou os nossos preclaros fundadores, idéa innegavelmente patriótica.

Os Institutos de Pernambuco, da Bahia, do Ceará, de São Paulo, de Alagoas, do Rio Grande do Norte, da Parahyba, do Paraná e de Santa Cathari-

na não pequeno contingente têm trazido para o conhecimento da nossa historia, ainda tão mal sabida em muitos dos seus mais largos e secundos periodos.

Egual papel caberá ao Instituto Historico de Minas. E estou certo, estamos todos nós do Instituto Historico e Geographico Brasileiro plenamente convencidos de que os fructos desse empreendimento hão de apparecer mais cedo do que talvez os aguardem a sympathia e o carinho dos seus illustres promotores.

Será ocioso encarecer o prestigio de taes associações que consultam uma necessidade de primeira ordem, visando o estudo da historia, considerada hoje o elemento social mais decisivo.

A época das banalidades litterarias, muito embora superficialmente brilhantes, e dos arroubos da poesia gongorica, da invectiva de situações absurdas dos velhos romances, passou.

Agora ninguem mais tolera o que não corresponda a um dos reclamos da intelligencia, a uma das necessidades da nossa cultura.

E a supremacia da historia firmou-se como elemento primordial dos nossos conhecimentos, fonte de todos os outros, ponto de partida para as grandes acções de interesse colectivo, porque, como bem ponderou emiamente auctor contemporaneo, a observação directa dos phenomenos sociaes, na sua manifestação estatica, não é sufficiente; cumpre estudal-os no desenvolvimento, através dos tempos, isto é, a sua historia.

E dahi a razão porque todas as sciencias humanas, linguistica, direito, sciencia das religiões, economia politica, etc., revestiram a forma de sciencias historicas.

Segundo o juizo respeitavel de Charles Langlois, o principal merito da historia é de ser, por diversas formas, um instrumento de cultura intellectual. Com effeito, da pratica do methodo historico de investigação, resulta para o espirito a isenção de credulidade; patenteando a historia grande numero de sociedades diferentes, prepara á concepção e á acceitação de varios usos, e, fazendo ver que as sociedades são constantemente transformadas, ella habitua a variação das formas sociaes e dissipa os receios dessas mudanças. Emfim, a experiencia das evoluções passadas, dando a comprehender o *processus* das reformas humanas pela alteração nos habitos e a renovação das gerações, preserva a tentação de querer explicar por meio de analogias biologicas a evolução das sociedades, a qual não se produz sob os impulsos das mesmas causas que as da evolução animal.

A nitida comprehensão que hoje temos do papel da historia, depois das obras de Taine, Mommsen, Fustel de Coulanges, Droysen, Lamprecht, não mais permite as velhas formulas que lhe emprestavam um caracter fabuloso.

Hoje, a historia exige, principalmente, a exposição racional dos documentos.

E é, pois, avaliavel o quanto ella deve absorver o espirito dos nossos homens publicos.

A época presente impõe-se aos estudos historicos da divisão por estados e por épocas. Assim, cuidando cada um dos nossos institutos da historia de suas relações, terá contribuido para a obra commum e tanto mais valioso será esse trabalho si obedecer á sinceridade e seriedade das pesquisas de documentos e si os commentarios tiverem o cunho da mais pura razão.

Oliveira Lima, um dos nossos mais esclarecidos homens de lettras, disse com razão que o Brasil tem tido por ora grandes pesquisadores, como Varnhagen, mas não possuiu ainda um grande historiador. Por isso, não logra

nesse terreno offerecer os marcos da distancia percorrida. Frei Vicente Salvador e Capistrano de Abreu parecem-se e juntam-se, em grau tres seculos que os separam, pelo facto de que o ultimo o que procura e averiguar, com o seu grande faro, si o que o primeiro escreveu é authenticico e fidedigno e prohenhor com o trabalho proprio a deficiencia do chronista.

Mas esse trabalho de Capistrano de Abreu, como os dos saudosos Xavier da Veiga, Eduardo Prado, Antonio de Toledo Piza e actualmente os de Vieira Fazenda, Guilherme Studart, Manoel Barata, Alfredo de Carvalho, Oliveira Lima, Orville A. Derby, Augusto de Lima, Theodoro Sampaio, Diogo de Vasconcellos e mais alguns são os melhores subsidios que podemos ambicionar, e offerecer ao definitivo historiador que não tardará.

E Minas Geraes que já possui uma admiravel publicação historica — *A Revista do Archivo Publico Mineiro*, fundada por Xavier da Veiga e mantida com todo o brillantismo por Augusto de Lima, é um dos Estados que de extraordinarios elementos deve dispor para a elucidação completa de capitulos interessantissimos.

Só as bandeiras determinadas pela descoberta de Sebastião Fernandes Tourinho offerecem margem para secundas pesquisas, asim de ser reconstituída, sem exaggeração do chronista apaixonado ou mal apercebido, toda a narrativa dessas invasões benemeritas.

Invasões benemeritas, pois, devido a ellas, foram devassados os sertões abertos caminhos, escaladas montanhas, vadeados rios, communicada emfim, ao mundo uma parte riquissima da nossa patria.

Nos que tem tratado dessa phase de aventuras, lemos a condemnação das tentativas, julgadas como o resultado unico da ganancia humana, mas esse quadro, até certo ponto verdadeiro, fica largamente compensado quando, desprezando-se as luctas, os meios violentos, as injustiças de toda a sorte, as guerras, se verifica que, desde a viagem do proprio Tourinho, o explorador do Rio Doce e Jequitinhonha, desde as rotas de Antonio Dias Adorno, Diogo Martins Cão, Marcos de Azevedo Coutinho, Fernão Dias Paes Leme, extraordinarias descobertas foram feitas, provando a exuberancia das nossas riquezas naturaes. Moveu-os o certo a sede do ouro, mas o resultado dessas incursões patenteou-se com o povoamento, as vias de transporte, a posse de novas terras feracissimas.

A descripção minuciosa dessas bandeiras, os seus roteiros, os depoimentos preditos por ali além em alfarrabios dispersos, dos que as compuzeram, e tantos outros pontos revelantissimos da historia de Minas podem ser explanados pelo novo Instituto Historico que assim preparará soberbos elementos para a elaboração precisa e documentada de sua historia.

Senhores, ainda ha pouco um mineiro sob todos os titulos eminente, o dr. Pedro Augusto Carneiro Leza, disse ao tomar posse de sua cadeira no Instituto historico e Geographico Brasileiro, que nós, á semellhança dos fabricantes de Gobelins, laboramos a nossa historia sem vermos directamente o producto das nossas acções.

Cuidemos, pois, com entranhado amor do nosso passado, mas não traga isso o esquecimento do nosso presente. Compenetremo-nos todos dos altos deveres que nos assistem.

Ora, a fundação do Instituto Historico de Minas demonstra que nesta terra, onde o patriotismo e o caracter tem fundas raizes, ha a comprehensão exacta desses encargos superiores.

Benemeritos são, pois, os homens que não illudem o cumprimento de tão nobres tarefas e antes as encaram com decisão e firmeza.

Eu vos saúdo.

O exmo. sr. dr. João Pinheiro, presidente do Instituto Historico, leu depois o seguinte discurso:

«Meus Senhores:

Ao Estado de Minas faltava, para systematização completa da sua vida social, a instituição que ora inauguramos.

Coube-me, por parte dos dignos consocios, a honra insigne de os presidir, inferior, em todo o caso, á magnifica generosidade que a inspirou e tão grande como a minha gratidão.

Em nome delles, devo agradecer aos hospedes illustres, que nos vieram honrar com a sua presença, o trazer-nos o prestigio proprio e o das corporações que representam. Sobreeleva, entre ellas, o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, notavel pela vastidão do trabalho que já effectuou, cunculo do pensamento brasileiro no que tem de mais erudito no saber, de mais illustre na longa tradição dos nomes venerados, realizando uma obra grandiosa de desinteressado amor da Patria.

A criação do Instituto Historico Mineiro foi uma bella inspiração de seus iniciadores; porque corresponde a uma necessidade que ha muito se fazia sentir — o estudo da historia de Minas Geraes, com o proposito dos associados de a ella se consagrarem.

Aos menos reflectidos poderá parecer, talvez, que taes estudos mais participam dos prazeres intellectuaes menos uteis, si é possivel a gradação, do que das secundas e positivas cogitações da actualidade, na solução premente de problemas mais necessarios, que resguardem o futuro, melhorando-o.

Si é certo que o trabalho intellectual que se exercita no passado, traz sempre, para o coração, o consolo dos exames serenos e o conforto dos julgamentos em que as paixões arrefecidas deixam dominar inteira a belleza da justiça calma e definitiva (e nenhum prazer mais puro e tambem mais nobre lhe pôde ser equiparado), ha ali ainda além do puro prazer intellectual, forças positivas, governando a actualidade, e elementos poderosos sustentando o presente e dirigindo o futuro, ao ensinar ao homem que deve confiar sómente nesta justiça, que nunca falta, contra a onda das paixões ephemeritas e dos interesses passageiros que desapparecem com o tempo que os creou, para deixar eterno e duradouro, o que foi feito no serviço da humanidade e da Patria, que nunca morrem.

E', pois, fonte de inegalavel elevação para os actos de vida.

Na historia, por mais longinqua que seja o facto que ella registra, de que auctoridade crescente se reveste elle, a cada passo e a cada momento, para as almas de elite que respiraram a doce atmosphera do passado? Como santifica, unge e eleva o sagrado amor da Patria e a propria materialidade das cousas a ella ligadas? Quem ha por ali que, ao visitar a antiga sede da capitania, a de nossas a mais legendaria cidade, que Villa Rica foi e Ouro Preto é, quem ha que não sinta a mysteriosa influencia, resumbrando de seus vetustos edificios a remomeração por exemplo, a epica tragedia que foi o primeiro sonho da independencia!!

Lá, as pontes de pedra, seculares, junto ao largo do Direcío, lembram o passaro mensageiro das saudades desoladas de Gonzaga, que as devia transpor para levar á sua Marília o coração sem esperança do poeta encarcerado, misturando com os amores da noiva os amores da patria.

O passaro, de certo, não levou as lembranças, mas trouxe para a historia o murmurio longinquo dos versos immortaes e, com elles, o nome da formosa mineira com a rememoração dos sacrificios pela liberdade de nossa terra.

Na antiga rua de S. José, a lembrança revive o chão salgado pela tyrannia para que nem a herva brotasse, por ter sobre elle se erguido uma casa em que se agasalhara o coração de um homem livre; e o intamado daquelles dias é hoje o immortal da historia americana.

Nesta mesma Ouro Preto, a casa dos Contos acorda sempre, no coração, o terror do estrangulamento mysterioso de Claudio, revivendo, eternamente, a historia do despotismo que mata ou de que se escapa sómente pela escura porta do suicidio, attraíndo um olhar misericordioso para o velho poeta e velho juriconsulto, revolucionario ao 72 annos de idade!

Si a historia santifica a propria materialidade dos logares que a ella se ligam, tambem nos dá lições mais altas e de caracter bem mais generalizado.

E' ella que nos ensina a confiar no Direito, na Justiça, na Liberdade, no Bem e na victoria definitiva dos sagrados principios da consciencia humana, vencendo obstaculos, ensanguentados ás vezes, eclipsados por periodos, mais ou menos longos, na sequencia dos tempos, negados e tentados destruir neste ou naquelle ponto da terra por usurpadores poderosos — e, entretanto, vencendo sempre nestas luctas milenarias da Humanidade em marcha.

As suas lições fortificam, pois a consciencia do cidadão para os deveres do altruismo, sobrelevados sempre á grosseria dos interesses materiaes, egoistas e passageiros.

Nem se diga que ella assignala tambem lições de prolongado aviltamento dos povos e nelle o exemplo das deshonras do homem e por isso não pode ser a «mestra da vida».

O progresso humano dessas mesmas lições de servidão, as vezes universal, tira forças de reacção tão grandes como foi o proprio aviltamento, e muito mais duradouras do que elle: a palavra vingadora de Tacito, fulminando, atraves das edades, a ignominia de Roma, com ser uma epopéa da Liberdade e do direito, é disto um exemplo, fazendo pelo bem da humanidade muito mais do que, para a sua deshonra passageira, fizeram todos os Cesares dissolutos.

De par com os estudos propriamente de erudição, devem ser leitos, e principalmente os que visam uma utilidade humana, procurando, pela imparcial observação do passado, induzir leis que regulem o presente para que o futuro seja melhor que ambos. E' o dever moral necessario e dignificador dos esforços bemfazejos.

Ao lado do trabalho penoso e multiplicado que os bandeirantes e garimpeiros deixaram pelo sólo inteiro de Minas e que testemunhamos nas montanhas, cujos seios rasgaram, na profundeza dos rios que revolveram, no deserto que povoaram, nas mattas virgens que devassaram e transpuzeram, nos povoados que fundaram e nos templos magnificos que da terra elevaram para os ceus, mostrando com a sua fe o seu poderio—deixaram tambem nos archivos nas reclamações dirigidas ao governo d'El-Rei, nas respostas de ultra-mar, nos roteiros, nas informações dos Governadores sobre os descobrimentos felizes, como sobre as fundas desillusões dos garimpos sem riquezas, nas narrações das proprias luctas ensanguentadas — deixaram toda uma historia de audacias inauditas e invenciveis paciencias, na qual o amor de liberdade do sertanista, a sua resistencia physica aos trabalhos incle-

mentes, a sua iniciativa individual intensa, a doçura dos costumes na aspereza da vida, são a riqueza moral incomparavel que nos cumpre apurar e guardar, como as origens da vida da estremeçada terra mineira.

Para este nobilissimo fim é creado este Instituto.

A todos os homens de boa vontade se depara, neste pensamento o ensejo de bem servir a uma causa commum, para que, herdeiros de tantas grandezas, nos, os representantes da geração actual, possamos accrescel-as para os nossos filhos.

E o futuro que deve receber sempre boas lições do passado, não encontre falhas, meus senhores, as dos dias que estamos vivendo, na obra do engrandecimento de nossa terra».

Levantou-se, em seguida, o sr. barão de Studart, que em nome do instituto historico do Ceará sandou a associação congenere deste Estado, fazendo votos pela sua prosperidade.

Foi depois encerrada a sessão.